

EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS DISCENTES NO CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19

*Christian Muleka Mwewa**, *Julyana Sueme Winkler Oshiro Galindo***,
*Bárbara Faundes Lima****

RESUMO

Analisamos as experiências de algumas discentes da pós-graduação à luz do contexto pandêmico. Os depoimentos (entrevistas) aqui tomados como objeto servem de exemplo paradigmático que pretendem refletir, na especificidade, a generalidade dos enfrentamentos no referido contexto. Trazer à luz as perspectivas discentes é um propósito que move as nossas reflexões, uma vez que “o lugar discente” da pós-graduação é um “lugar” de silenciamentos quando nos referimos às experiências no contexto pandêmico no ensino superior. A partir do recorte de gênero (feminino), ampliamos o debate e as reflexões sobre essa temática. Indicamos que, dentre tantas coisas que a pandemia revelou, talvez a principal delas seja a de não poder experimentar o sofrimento da mesma forma. Apesar de o sofrimento no contexto pandêmico poder ser compreendido de forma coletiva, ele atinge diferencialmente as pessoas, em especial, do ponto de vista do gênero. Portanto, o isolamento social compulsório exigiu das discentes da pós-graduação que modificassem seus modos de apreender e de aprender as suas atividades acadêmicas com extensão às relações no âmbito familiar, pessoal e matrimonial.

Palavras-chave: Pandemia COVID-19. Gênero. Pós-graduação. Discentes.

* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio doutoral na Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne). Coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (CPTL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (CG) na UFMS. Foi investigador visitante no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (2017-2018). Realizou estância de curta duração na Universidad Nacional de La Plata (Argentina, 2017). ORCID: 0000-0002-7079-5836. Correio eletrônico: christian.mwewa@ufms.br

** Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestra em Psicologia pela UFMS. Psicóloga, membra do grupo EduForp. ORCID: 0000-0002-2996-5354?lang=pt. Correio eletrônico: julyana.oshiro@ufms.br

*** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do grupo EduForp. ORCID: 0000-0003-0678-3846. Correio eletrônico: barbarafaundeslima@gmail.com

STUDENT EXPERIENCES AND EXPECTATIONS IN THE PANDEMIC CONTEXT OF COVID-19

ABSTRACT

We analyzed the experiences of some graduate students in the light of the pandemic context. The testimonies taken here as an object serve as a paradigmatic example that intend to reflect, in specific terms, the generality of the confrontations in that context. Bringing to light the perspectives of students is a purpose that moves our reflections since the 'student place' of graduate education is a 'place' of silencing when we refer to experiences in the pandemic context in higher education. From the (female) gender perspective, we expand the debate and reflections on this theme. We indicate that among so many things that the pandemic has revealed, perhaps the main one, is that no one experiences suffering in the same way. Despite the fact that suffering in the pandemic context might be understood collectively, it affects people differentially, especially from the point of view of gender. Therefore, compulsory social isolation required graduate students to modify their ways of apprehending and learning their academic activities, extending to relationships in the family, personal and matrimonial spheres.

Keywords: COVID-19 pandemic. Gender. Graduate. Students.

EXPERIENCIAS Y EXPECTATIVAS DEL ESTUDIANTE EN EL CONTEXTO PANDÉMICO DEL COVID-19

RESUMEN

Analizamos las experiencias de algunos estudiantes de posgrado a la luz del contexto de la pandemia. Los testimonios (entrevistas) aquí tomados como objeto sirven como ejemplo paradigmático que pretenden reflejar, en términos específicos, la generalidad de los enfrentamientos en ese contexto. Sacar a la luz las perspectivas de los estudiantes es un propósito que mueve nuestras reflexiones, ya que el 'lugar del estudiante' de la educación de posgrado es un 'lugar' de silencio al referirse a experiencias en el contexto pandémico en la educación superior. Desde la perspectiva de género (femenino) ampliamos el debate y las reflexiones sobre este tema. Indicamos que entre tantas cosas que ha revelado la pandemia, quizás la principal, está que no se puede vivir el sufrimiento de la misma manera. Si bien el sufrimiento en el contexto de una pandemia puede entenderse colectivamente, afecta a las personas de manera diferencial, especialmente desde el punto de vista de género. Por tanto, el aislamiento social obligatorio obligó a los graduados a cambiar sus formas de aprehender y aprender sus actividades académicas, extendiéndose a las relaciones en el ámbito familiar, personal y matrimonial.

Palabras clave: Pandemia COVID-19. Género. Posgrado. Estudiantes.

1 INTRODUÇÃO

Analizamos as experiências de algumas discentes da pós-graduação à luz do contexto pandêmico. Os depoimentos (entrevistas) aqui tomados como objeto servem de exemplo paradigmático que pretendem refletir, na especificidade, a generalidade dos enfrentamentos no referido contexto. Trazer à luz as perspectivas discentes é um propósito que move as nossas reflexões, uma vez que “o lugar discente” da pós-graduação é um “lugar” de silenciamentos múltiplos quando nos referimos às experiências no contexto pandêmico no ensino superior. A partir do recorte de gênero (feminino), ampliamos o debate e as reflexões sobre essa temática. Porém, a discussão das motivações dos silenciamentos foge ao escopo deste artigo. Mas indicamos, por exemplo, a própria temática do presente dossiê que busca explicitar as experiências docentes e não discentes e quem dirá com o recorte de gênero aqui trazido. Outra: poucas vezes os discentes são ouvidos na elaboração dos processos avaliativos das pós-graduações, mas seus produtos devem ser contabilizados. Apesar de existir um mecanismo de diferenciação patriarcal do direito às discentes do sexo feminino à dilatação do prazo de defesa com a licença-maternidade na permanente reafirmação do isolamento culpabilizante da maternidade para as mulheres, claro está que não somos contra essa licença, mas sim contra o fato de que esta seja atribuída apenas às mulheres, como se o cuidado do filho fosse unilateral no enclausuramento das mulheres ao lar. Se o homem não tem direito à dilatação do prazo de defesa amparado pela licença-maternidade com igual duração temporal, devemos desconfiar da dinâmica do patriarcado entranhado na pós-graduação.

Com a indicação dessas primeiras palavras, ancoramos o nosso referencial teórico nos estudos de gênero. Assim, o texto conta com o item subsequente cujo subtítulo é “Experiências pandêmicas ou o gênero eleito!”, no qual articulamos, de forma analítica, os depoimentos das participantes das entrevistas. Por fim, em algumas considerações, indicamos que, dentre tantas coisas que a pandemia revelou, talvez a principal delas é que não se pode experienciar o sofrimento da mesma forma. Apesar de o sofrimento, no contexto pandêmico, poder ser compreendido de forma coletiva, ele atinge diferencialmente as pessoas, em especial, do ponto de vista do gênero. Portanto, o isolamento social compulsório exigiu das discentes da pós-graduação que modificassem seus modos de apreender e de aprender as suas atividades acadêmicas com extensão às relações no âmbito familiar, pessoal e matrimonial.

2 PRIMEIRAS PALAVRAS

Quais vidas importam? Diríamos que estamos diante de uma falsa questão, pois a pergunta traz, no seu interior ético, a própria resposta, uma vez que, segundo o imperativo categórico kantiano, deveríamos agir (ou desejar) de forma que qualquer pessoa que estivesse no nosso lugar agiria, ou seja, se dissermos qual vida importa, outras pessoas, também, o poderão dizer. Diante dessa possibilidade, corremos o risco de alguém dizer que nossa vida não importa. Portanto, devemos ter evidente que, ao eleger quais vidas importam, estamos agindo contra o nosso próprio interesse, pois legitimamos a possibilidade de

outrem dizer que a nossa vida não importa, uma vez que nós nos demos o direito de dizer qual vida importa.

Ora, é o que os negros e indígenas, neste país, sofrem desde o século XVI com a invasão dos portugueses às terras outrora denominadas de Vera Cruz e, finalmente, de Brasil em alusão à madeira de cor de brasa que encantava ao papado. Em outras palavras, os invasores europeus agiram conforme um imperativo categórico, uma vez que esse fora estabelecido por alguém que considerava os negros pouco mais evoluídos que os símios (macacos) ou sub-raça e o que diria o senhor Immanuel Kant sobre os indígenas?

Ao se referir às vidas passíveis de luto no contexto da normatividade política, Butler (2015a) delimita os preceitos da normatividade. É preciso, antes, entendê-la como forma pela qual uma dada sociedade organiza “[...] a vida política de forma a possibilitar o reconhecimento e a representação [...]” do sujeito (*self*) e do “outro”. (BUTLER, 2015a, p. 198). A autora adverte que

[...] não se trata de prescindir da normatividade, mas sim de insistir para que a investigação normativa assuma uma forma crítica e comparativa, de modo que não reproduza, inadvertidamente, as cisões internas e os pontos cegos inerentes a essas versões de sujeito. (BUTLER, 2015a, p. 230).

Agora, para quem nós estamos a dizer, por exemplo, que “Vidas negras” importam? Ou a vida das mulheres, dos homossexuais, das travestis, dos pobres, das crianças, dos deficientes ou de toda comunidade LGBTQI+ IMPORTAM? Respon demos: aos mesmos senhores brancos, homens que outrora invadiram as terras de onde falamos e escravizaram, estupraram, mataram, roubaram, espoliaram os que agora tentam reivindicar a sua própria vida. Diante dessa situação, diríamos que estamos a pedir às pessoas erradas. Devemos pedir a nós mesmos a importância das nossas vidas para que elas tenham valor agregado por nós mesmos e assim lutar contra quem quer que seja que ouse diminuir o valor das vidas negras, das mulheres, dos LGBTQI+ etc.

Em uma perspectiva mais geral, Scott (1995, p. 91) afirma que “[...] os governantes emergentes legitimaram a dominação, a força, a autoridade central e o poder dominante como masculino [...] e literalmente traduziram esse código em leis que puseram as mulheres em seu lugar (interditando-lhes a participação na vida política, [...]).” A autora ainda afirma que “[...] a diferença sexual foi concedida em termos da dominação e do controle das mulheres.” (SCOTT, 1995, p. 91).

Dito isso, importa-nos pensar aqui a vida de algumas mulheres em tempos de pandemia. Não estas mulheres vitimadas por elas mesmas ao depositarem, na sua condição de gênero, as máculas sociais cujos papéis são previamente designados pela estrutura machista da sociedade em que vivemos. Mas aquelas que não são belas, nem recatadas e muito menos do lar para os outros. Mas, sim, se formos considerar a validade dessa tríade enfadonha, dirigimo-nos àquelas mulheres que são belas, recatadas e do lar para si. Ou seja, se assim o decidiram, não cabe julgamentos diante da ação consciente sem que se corra o risco de autorreferencialidade narcísica.

Segundo Scott (1995, p. 84), “[...] a história do pensamento feminista é uma história da recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e femi-

nino, em seus contextos específicos, e uma tentativa para reverter ou deslocar suas operações.” Assim, concordamos com as duas definições de gênero que Scott (1995, p. 86) anuncia na sua interlocução (das definições), quais sejam, gênero como “[...] (1) um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Portanto, gênero “[...] pode constituir-se como elemento tanto da organização social, como das relações de poder.” (BANDEIRA, 1999, p. 190).

Aqui as vidas que nos importam, para além da vida dos nossos entes queridos, são as das mestrandas, mulheres, jovens, mães, filhas, esposas, namoradas, trabalhadoras etc. Assim, faz sentido tomar o gênero como uma categoria social importante, conforme nos ensinou a professora Joan Scott. Mas, ancorados na alegação de Agnes Heller na destituição dos papéis sociais previamente cooptados para as mulheres, em especial. Claro está que estamos cientes da salada epistemológica que fazemos ao falar de Scott e Heller na mesma linha num texto, sem maiores esclarecimentos requeridos por aqueles que insistem em enclausurar o pensamento humano em escolas ou tendências que só agradam a certa indústria cultural acadêmica.

O conceito de gênero procura captar a dinâmica das múltiplas representações políticas de sujeitos em diferentes contextos sociais, de forma que “[...] é através das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distinto de *sex*. [...] elas desejam acentuar, através da linguagem, ‘o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo’.” (SCOTT, 1995, p. 72 *apud* LOURO, 1997, p. 21). “[...] O conceito de gênero *exige ou impõe* uma forma plural de pensar, acentuando que as representações sobre a ordem biológica-anatômica podem ser múltiplas e que diferem não apenas em cada sociedade, mas nos diversos momentos históricos [...]” (BANDEIRA, 1999, p. 182). O conceito operacionaliza a compreensão de uma categoria social composta por sujeitos que buscam desfrutar das suas identidades não subjugadas pela heteronormatividade reinante em diferentes sociedades ao longo da história.

O conceito de gênero trata de pontualizar não apenas a diferença, mas as DIFERENCIAÇÕES dos e entre os sexos e, ainda, o constituinte da[s] identidade[s] dos sujeitos. [...] As identidades são plurais [...] que podem até mesmo serem contraditórias [...] transcende[ntes] ao mero desempenho de papéis. (BANDEIRA, 1999, p. 183-184, grifo do autor).

Por isso que “[...] é o conjunto de práticas e de representações, que codifica e recobre tanto a noção de gênero como a de sexo, ambos assentados na *matriz da heterossexualidade*.” (BANDEIRA, 1999, p. 185, grifo nosso). Portanto, concordamos que “[...] a categoria de gênero não descarta da análise os elementos da biologia, mas destaca a incorporação na análise dos aspectos que são SOCIALMENTE CONSTRUÍDOS (*sic!*).” (BANDEIRA, 1999, p. 185, grifo nosso) Assim, “[...] as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos.” (SCOTT, 1995, p. 72).

Por fim, qual é a motivação para operar a partir do conceito de gênero para compreender as mazelas que afligem a vida das mulheres pós-graduandas no con-

texto da pandemia? Se as feministas acadêmicas podem sistematizar o conhecimento e as interlocuções com as feministas não acadêmicas, essas sistematizações podem ser acessadas por todas as mulheres belas, recatadas e do lar, por exemplo? (ou a maioria delas)? Como vislumbrar o acesso aos conhecimentos produzidos pelas mulheres acadêmicas fora da lógica epistemológica machista de paradigmas previamente demarcados pelo dispositivo de gênero? Como, por exemplo, as violências que as mulheres (genérico) continuam a sofrer cada vez mais em tempos de pandemia. Até que ponto a apreensão do conceito de gênero ou das lutas feministas pode influenciar nas concepções/visões de mundo constituídas pelas acadêmicas pós-graduandas? Ou seja, até que ponto o “problema de gênero” não é postigo diante do COVID-19, uma vez que o vírus não escolhe em qual gênero se hospedar?

3 EXPERIÊNCIAS PANDÊMICAS OU O GÊNERO ELEITO!

O estado de pandemia nos traz inúmeros desafios. Para enfrentar um desses desafios, escrever algo inteligível, vamos trazer as vozes das pesquisadoras em formação como sujeitos da pesquisa, quais sejam, 6 mestrandas do Programa de Pós-graduação em Educação (Campus Três Lagoas) e uma doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação (Campus Campo Grande/FAED), ambos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul¹. As entrevistas foram realizadas por meio de aplicativo de troca de mensagem instantânea. Encaminhamos a solicitação para que cada uma nos contasse “como tem experienciado a vida no contexto da pandemia da COVID-19 em relação à vida pessoal e acadêmica.” As respostas, por escrito, também, foram dadas por meio do mesmo aplicativo para o tratamento analítico posterior.

A pandemia oportuniza encontros consigo mesmo nos quais adquirimos experiências narráveis futuramente como legado para outras gerações. Com o acesso aos diversos meios de comunicação, pode-se dizer que já estamos narrando, por enquanto, as nossas vivências que poderão se transformar em experiências após um processo de perlaboração². Isto é, precisaremos *trabalhar* para que isso tudo venha a se tornar experiências. Essa é a tese que pretendemos desenvolver ao longo do texto; estrutura-se a partir a partir do conceito de Tabu em Freud (Totem e Tabu), por meio de narrativas das discentes sobre a relação com suas pesquisas, famílias, consigo mesmas em tempos de pandemia. Tabu não no sentido daquilo que não pode ser falado (senso comum), mas sim no sentimento ambivalente causado por ele: COVID-19.

É na localidade discursiva como pós-graduandas da UFMS que se evidenciam as vivências trazidas aqui como narrativas de mulheres. Essas mostram as vozes das pesquisadoras em formação que também devem ser privilegiadas e escutadas, pois são “vidas que importam”, mas pouco escutadas em tempos de pandemia. Isso não anula os outros lugares de fala que essas pós-graduandas

¹ Por se tratar de depoimentos pessoais, no contexto do artigo, decidimos adotar nomes fictícios para identificar as participantes das entrevistas.

² Capacidade de reelaborar as crises, sentimentos e conflitos interiores. O mesmo que elaboração interpretativa. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/perlabora%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 2 out. 2020.

ocupam como mulheres, mães, professoras, filhas, esposas, amigas, dentre outros tantos lugares ocupáveis subjetiva e objetivamente na sociedade contextual. É importante frisar que o gênero é fundamental para pensar a partir das falas dessas mulheres e se torna condição para ampliar a nossa compreensão do mundo. Portanto, não se trata de “dar voz” como ainda insistem os discursos subalternizantes, mas sim de escutá-las como reivindicação das subalternizadas. Nesse sentido, é como mulheres que as narrativas são explicitadas e, portanto, há uma reivindicação da voz feminista.

Patrícia McFadden, no discurso proferido na abertura da Conferência Mundial da Mulher em Maputo, em dezembro de 2019, reivindica e motiva as mulheres a lutarem e construir um mundo a partir de uma perspectiva feminista em detrimento da construção patriarcal que patrocina, no contexto capitalista e neoliberal, o genocídio de todas as formas de vida que estejam fora desse lugar, qual seja, do patriarcado branco que forja as “classes dominantes” de homens negros na África em um conluio nefasto da dominação patriarcal da humanidade.

Ao feminismo, Patrícia alerta a necessidade de autocritica ou da crítica iminente, mas sem abrir mão das concepções feministas de mundo, pois essas são radicalmente diferentes e devem engendrar uma nova humanidade mais agregadora e contra todo e qualquer tipo de exclusão desde que esteja pautada na visão feminista do mundo.

Assim, Patrícia conclama às mulheres a “[...] resistir com toda a nossa força e derrubar os sistemas, idiomas, práticas, instituições, hábitos, medos, intimidação e humilhação de ser mulher patriarcalizada - e entrar no nosso presente futuro - usando nossa solidariedade e poder como mulheres radicais - para transformar a nós mesmos e nossos mundos.” Foi o que Brenda, mestranda no PPGedu/CPTL/UFMS, revelou em seu depoimento, realizado em julho/2021, mais de 1 ano e meio após o início da pandemia - ela se divorciou 6 meses depois ainda no contexto da pandemia:

Esse momento deixou ainda mais evidente o quanto as mulheres são julgadas em nossa sociedade, pois por uma questão logística e financeira optamos por guarda compartilhada, porém as crianças residem com o pai e a avó materna e eu fico com eles três vezes por semana. Ouvi muitos julgamentos como, por exemplo: “Você abandonou sua família” e “Como pode abandonar seus filhos?!” , mas ouvi comentários de encorajamento, também, como: “Você fez o que muitas mulheres gostariam de ter feito, mas não tiveram coragem” e “Se fosse um homem ninguém o julgaria como estão te julgando”. (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Identificamos o enfrentamento do machismo e do sistema patriarcal na fala da doutoranda Sofia ao relatar a conciliação da primeira gestação no período em que fazia mestrado:

Escutei em grupos de docentes e discentes que, no próximo processo seletivo, iriam questionar se a candidata tinha útero e se pretendia ter filhos, e, no caso, seria desclassificada do processo. Na hora me senti envergonhada, pois ali na roda, todos riram da situação, porém não percebi o nível de agressividade e violência que ocorreu. Poderia

ter levado na brincadeira? Sim, poderia, porém meu objeto de estudo era o assédio moral nas relações de trabalho, e, nas pesquisas, toda violência pode se iniciar mascarada por uma brincadeira. (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Mesmo em espaços onde há a produção de conhecimento e o enfrentamento das violências, como em espaços universitários, ainda se observa a predominância do pensamento machista, e que as mulheres, por mais que, ao longo do processo histórico, tenham conquistado e conquistam direitos, muito há que se fazer, pois a maternidade é vista como fraqueza e improdutividade.

Enfrentar os tabus sociais nunca foi uma tarefa fácil para as mulheres, muitas se sujeitam a viver infelizes, ou se condicionam a um mundo no qual a sociedade define qual é o papel da mulher. E aquelas que não aceitam são julgadas ou até mesmo marginalizadas, pois ninguém convida uma amiga separada para um almoço de família, pois a veem como uma ameaça. E assim, mais uma vez, ocorrem as separações sociais, mulheres solteiras saem com mulheres solteiras, e mulheres casadas saem com mulheres casadas.

Assim, na trilha do escrito de Sigmund Freud, centrando-me na acepção da ambivalência do Tabu – sagrado e profano; proibido e desejado –, diria que o atual estado de “vidas em pandemia” pode ser tomado como Tabu. Essa ambivalência eleva o Tabu a uma dimensão social, coletiva ou comunitária, mas que nos coloca em dilemas individuais como imperativo categórico. Dessa vez a ser compartilhado por todos. O mesmo contraste fica evidente na fala da Brenda:

Preciso assumir que realmente não tenho passado por momentos fáceis, pois ocorre um contraste de emoções entre o estado de “felicidade” pelas conquistas diárias e a tristeza para a adaptação da rotina, o desafio de mostrar para meus filhos que, mesmo longe, os amo e não deixo de ser mãe nos momentos de carinho e alegria, também nos momentos de cobrança e castigo. (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Assim como Franciele Bete Petry (2014, p. 339-362) discutiu em seu texto sobre “Theodor W. Adorno: Imagens do feminino nas *Minima moralia*”, “[...] as mulheres que sofrem sabem mais a seu respeito [...]”, o processo de sofrimento pelo qual a mulher passa proporciona um momento de reflexão que permite seu autoconhecimento, sensações corporais, sentimentos, emoções, pensamentos e comportamentos. O processo de compreensão do sofrimento em sua maioria colabora na mudança, ou seja, no movimento do ser subjetivo e objetivamente sem valorações de tais deslocamentos.

Assumir diferentes papéis sociais nesta sociedade e as responsabilidades por ir na contramão do *statu quo* são desafios dependendo de sua realidade social, porém torna-se um ato de coragem caso a mulher consiga ser além de mulher, mãe e profissional, ser protagonista de sua história. Mesmo com a pandemia e os desafios que ela trouxe, identificamos, nas falas dessas mulheres, medo e coragem. O medo se faz necessário para a autopreservação e cuidado com a vida. Paralisa no início, porém estimula uma reação e mudança de atitude, e com isso vem a coragem para encarar as ameaças.

Vimos, na fala de Sofia, o medo e a coragem ao relatar como foi a sua entrevista de arguição para o processo seletivo do doutorado no ano de 2021. Gestante de sua segunda filha e em isolamento por conta da pandemia:

Em agosto, já estava com 7 meses de gestação e me inscrevi no edital para o doutorado na UFMS, já estava com o projeto escrito e submeti. Maitê nasceu no dia 10/10/2020, às 8:20 da manhã de um sábado, de parto normal. Minha entrevista de arguição da banca de seleção estava agendada para o dia 22/10/2020, ou seja, 10 dias após o seu nascimento.

Meu maior desafio foi enfrentar o cansaço dos primeiros dias pós-parto, cuidar da Sofia, que emocionalmente estava demandando maior atenção, estudar e me preparar para a banca.

Uns 30 minutos antes de iniciar a arguição, a Maitê começou a chorar, pois estava com cólica, coloquei ela no *sling*, amamenteei-a e enquadrei o celular focando apenas no meu rosto, pois estava com medo de descobrirem que estava com bebê recém-nascido e reprovar por esse motivo, pois vinha na memória o comentário da época do mestrado. Foram 30 minutos de perguntas e respostas, o nervosismo tomava conta, pois tinha medo dela chorar na hora, ou gemer... Segurava ela bem firme e tentava focar nas perguntas para conseguir respondê-las com segurança. (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Assim, acompanhando o tema da proposta do presente dossiê, evidenciamos, em especial, a fala da Kelly, com a ideia de viagem conforme a máxima benjaminiana sobre as possibilidades de narrar auferidas àqueles/as que viajaram no tempo - os mais velhos (anciões) - ou aos que viajaram no espaço - os marinheiros (caixeiros viajantes). Ambos acumulam experiências legitimadas equiparadas àquelas que temos diante de um objeto aurático único e distante no tempo (unicidade e distanciamento). Portanto, não poder sair de casa em tempos de COVID-19 flerta com a dimensão da viagem no tempo benjaminiano, pois todos acumulamos alguma experiência e construímos memórias das nossas “vidas em pandemia”. É o que evidencia o depoimento de Kelly, mestranda no PPGedu/CPTL/UFMS, turma 2020:

Minha experiência de pesquisa durante a Pandemia está sendo reveladora e solitária. No dia a dia “de antes”, tinha uma rotina, uma disciplina mental e corporal sobre todas as atividades rotineiras, inclusive a pesquisa. Em tempos de Pandemia e de confinamento, essa disciplina se quebrou, e passei a perceber melhor o meu lar, meu corpo e minha mente. Essa nova perspectiva de vivência me obrigou a seguir uma disciplina que não cabe mais no meu contexto atual, levando minha ansiedade nas alturas, agora tenho que lidar com uma nova percepção do meu corpo, com os conflitos do meu lar e com a pesquisa, no mesmo ambiente e ao mesmo momento. Por fim, esse momento atípico que todos estamos passando está sendo um momento de altos e baixos. (*Sic!*). (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Portanto, se viagem, assim como diáspora, pode significar deslocar-se de um lugar para outro diante de alguma inclinação ou motivação, podemos dizer que, na pandemia, deslocarmo-nos para dentro de nós mesmos (oficialmente muitas fronteiras foram fechadas, serviços de transporte em massa foram interrompidos

etc., dentre outras ações que impediram, durante um tempo, os deslocamentos objetivos de alguns). Isto é, estamos vivendo um processo de viagem subjetiva ou migração intrafamiliar. Deparamo-nos com o estranhamento do familiar. Ou, nos termos de Deleuze e Guatarri, diria que estamos vivendo uma reterritorialização subjetiva ou intrafamiliar.

Ora, “em tempos de pandemia” quais são as possibilidades de viajar? Acreditamos que a essa pergunta poucos escaparam em 2020 e 2021, especialmente a partir de março de 2020. É desse lugar que localizamos algumas experiências e o compromisso com a ciência que podem ser manifestados pela pesquisa; nesse caso, nas biografias das pós-graduandas. Ou seja, nos relatos de experiências, dos desenvolvimentos/continuidades das pesquisas em tempos de pandemia. Pois, a exemplo do pianista do Titanic, “a música deve continuar” ou melhor, a pesquisa deve continuar. Em quais condições? Bem, essa é uma pergunta que foge ao escopo deste ensaio. Mas, na certeza de que, “apesar da COVID-19, amanhã há de ser um outro dia”, sabemos que tudo passa. Agora, quando é esse amanhã? Não sabemos.

Nas “vidas em pandemia”, emergem vários sentimentos ambivalentes – alguns desejados e outros repulsivos por serem desejáveis. Os primeiros podem ser pensados, por exemplo, em encontros intelectuais que nos possibilitam ampliarmos as nossas interações em dimensões virtuais, como é evidente, mas cheios de afetividades, empatias e compaixão. A repulsividade reside no fato de sabermos que, a cada dia, estamos perdendo vidas cujas histórias estão sendo interrompidas com uma brutalidade inaudita.

Na pesquisa, há necessidade de fomentarmos outras condições para a sua realização próximo ao desejável. Como afirma Vitória, mestranda no PPGedu/CPTL/UFMS, turma 2020, em relação à pergunta: como você se sente nesse tempo de pandemia em relação à sua pesquisa?

Para ser sincera, é difícil colocar em palavras uma situação em que nunca tinha imaginado, e nunca passado. Ao iniciar o projeto de pesquisa, não estávamos nessa situação de pandemia, de ficar em casa, de ter medo de pegar ou passar para entes queridos. No decorrer das aulas, e das novas formas de ter aulas, tudo on-line, sem o contato direto com meus outros colegas de mestrado, a frustração, os anseios, e questionamento “será que um dia vamos voltar ao normal?” me tomou em vários momentos. Mas é o no dia a dia, na conversa com outros, mesmo que a distância, que enxergamos que há novas formas de fazer a pesquisa, não do jeito que imaginou, mas há sempre novos caminhos, até mesmo em toda essa situação caótica. (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Em relação às suas experiências de estágio de docência no Programa ou nas suas apresentações de seminários nos contextos das disciplinas em tempos de pandemia, Vitória afirma o seguinte:

Nas aulas que eu ministrei, ou mesmo nos seminários que apresentei algum texto, fiquei muito nervosa. Porém, com essa nova forma de dar e ver aulas, facilitou consideravelmente para mim, por não ter exatamente o contato direto com outras pessoas, só por uma tela, fiquei

menos nervosa, posso mexer em várias abas (da videochamada, do word, do Google, etc) ao mesmo tempo. Ficou mais rápido o comando. Não preciso usar uma roupa tão formal, como teria que utilizar em sala de aula. (*Sic!*). (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Nessa direção Helena, mestranda no PPGedu/CPTL/UFMS (turma 2019), relata a sua relação com a pesquisa nos seguintes termos:

A respeito da minha pesquisa de mestrado, ela não sofreu mudanças tão drásticas, pois eu já havia conseguido coletar [dados] para análise boa parte do material de campo (sala de aula). Mas ter que me reinventar bagunçou um pouco o meu planejamento, foram muitas mudanças de trabalho e de convívio social que acabaram refletindo na minha pesquisa, pois fiquei um tempo estagnada. Esses transtornos de âmbito pessoal e profissional demandaram muita paciência e reflexão comigo mesma, e aos poucos estou conseguindo entrar nos trilhos, conciliando essa nova rotina e redirecionar as minhas ideias para dar andamento aos meus objetivos novamente. (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Portanto, voltando à W. Benjamin, quando diz que todo documento de cultura é um documento de barbárie, e o fato de sabermos disso, também, é um ato bárbaro, “vidas em pandemia” volta a ser um Tabu. O “ato bárbaro” do reconhecimento da dimensão bárbara dos “documentos de cultura” desperta em nós um sentimento negativo próximo à repulsão. Ou seja, devemos extirpar esse “conhecimento” de nós para uma vida consciente; do contrário, passamos a odiar a nós mesmos próximo ao que Frantz Fanon chamou de negrofobia. Ou seja, um ódio retroalimentar³. Uma vez não sendo de ordem religiosa, o tensionamento social causado pela COVID-19 pode demandar repulsa, autoflagelo, flagelo coletivo, exibição de nossas fragilidades, exacerbamento de nossas emoções, mas TODOS, inclusive os soberanos ou sacerdotes, devem se “curvar” diante da *imediatez* da morte anunciada pela COVID-19. Essa tensão é deflagrada no depoimento de Loana, mestranda no PPGedu/CPTL/UFMS, turma 2020:

Bom, no início foi muito difícil, pensei que fosse morrer e/ou perder muitos familiares, fiquei muito angustiada. Está[r] estudando fez toda a diferença, apesar de ter ficado confusa com o novo estilo de aula, mas com o tempo fui me adaptando. No começo imprimia todos os textos para ler, agora já consigo estudar direto no computador. A pesquisa em si não é o problema, fico assustada com o estilo como os grupos de wats são utilizados, às vezes sábado, domingo, à noite, tem mensagens. Mesmo que não sejam sobre atividades, só de ver que tem muitas mensagens, já me assusta. É como se a sala de aula estivesse acontecendo o tempo todo, se eu não ver as mensagens fico com a impressão de que posso deixar de fazer algum trabalho. Outro dia sonhei que a sala de aula era na minha casa, os alunos estavam todos aqui, sentados ou andando pela casa, sendo que a pia estava cheia de louças para lavar, entrou a Professora [X] e perdeu uma faca, fui até a

³ “Já dissemos que existem negrófobos. Aliás, não é o ódio ao negro que os motiva. Eles não têm a coragem de odiar, ou não a têm mais. O ódio não é dado, deve ser conquistado a cada instante, tem de ser elevado ao ser em conflito com complexos de culpa mais ou menos conscientes. O ódio pede para existir e aquele que odeia deve manifestar esse ódio através de atos, de um comportamento adequado; em certo sentido, deve tornar-se ódio.” (FANON, 2008, p. 61).

pia, morrendo de vergonha, foi um pesadelo. Durante essa aula, não conseguia concatenar as ideias, parecia que estava sendo alfabetizada e não conseguia juntar as letras, foi horrível. (Sic!). (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

O Tabu é temido, pois evidencia as consequências caso não seja respeitado e, no caso da COVID-19, quem o contrai, também, vira Tabu, assim como era temido pelos povos primitivos anunciados por Freud. Isso está refletido no depoimento da Catarina, PPGEdu/CPTL/UFMS (turma 2019), quando diz que

O medo constante de se contrair o COVID já me consumaram algumas crises de pânico e ansiedade! Sigo torcendo para que tudo fique bem, que consigamos uma vacine e tudo acabe bem e o mais rápido possível! (Sic!). (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Portanto, “vidas em pandemia” demanda novos conhecimentos, novas regras, novas atitudes, adaptações para a manutenção da vida subjetiva e coletiva, ou seja, reinventar-se numa viagem sem sair do lugar, mas experienciada coletivamente, como, por exemplo, ter aulas *on-line* (de forma remota). Nesse sentido, afirma a mestrandia Catarina:

A minha experiência tem sido até que tranquila, mas mudaram todos os meus planos em relação à pesquisa que primeiramente seria em campo, mas com a pendência as escolas fecharam e não foi possível ter essa experiência de poder entrar em campo que na minha opinião seria enriquecedora. Em relação às aulas não achei grande problema em ser via *Classroom* [*Google Meet*] na verdade até gostei! Rsr (Sic!). (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Em relação à sua atuação como professora da Educação Infantil, Catarina se posiciona da seguinte forma em tempos de pandemia:

Eu sou professora de educação infantil, em relação às aulas estão sendo ministradas pelo *Classroom* [*Google Meet*], temos uma sala onde as mães têm acesso a vídeos e atividades para fazerem com as crianças em casa, disponibilizamos matérias para que usem em casa nesse período, em relação à participação das famílias, tem sido uma batalha diária, no começo muitas participavam, hoje poucos acessam a sala virtual, o maior medo a da volta às aulas, pois minha cidade tem vários casos, inclusive de morte, acredito que as escolas terão dificuldade em manter a higienização pela falta de funcionários! (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Esses interstícios, também, foram objetos de observação da Helena quando diz o seguinte:

Este foi um ano que eu ainda não consegui conceituar, mas que com certeza está sendo um ano em que estou me (re)significando! Enquanto Helena pessoa (subjetivo), enquanto Helena professora, enquanto Helena estudante/pesquisadora. Esse isolamento social e todo esse contexto de pandemia me deixou em estado de letargia, estava tão

acostumada a não ter tempo, envolvida em uma rotina bem doida, que, ao diminuir o ritmo e ter mais tempo para mim, acabei me sentindo perdida. (*Sic!*). (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Quando retomamos o depoimento da Brenda, 32 anos, à época casada (com um profissional que tinha 40 horas semanal de jornada), servidora pública administrativa, mãe da *I.* (10 anos) e do *B.* (5 anos)⁴ e mestranda no PPGedu/CPTL/UFMS, em relação à sua pesquisa, afirma que,

Nesse momento de pandemia, nada tem sido fácil, principalmente fazer pesquisa e mestrado. Conciliar as múltiplas tarefas diárias com o estudo e a pesquisa tem sido uma tarefa árdua e, na minha perspectiva, questiono diariamente a qualidade dessas pesquisas. Quando saímos para uma aula presencial do mestrado, ou saímos para estudar na biblioteca da universidade ou ir a campo, nos desligamos de tudo, do trabalho, dos afazeres de casa, dos filhos, do marido, do cachorro, etc. Agora assistir aula, ler, analisar documentos em casa é muito trabalhoso, é cachorro que late, o vizinho com som auto, interfone que toca, o celular toca, filho chama, barulho de TV, criança brincando, a internet que cai, a internet oscila, o computador trava, estraga, etc...eu me sinto aquelas crianças com “déficit de atenção”, necessitando de uma ritalina. Kkkkkkk Para quem iria fazer uma observação em campo, tem ainda o peso da decepção do não poder fazer da forma que queria, ou que tinha pensado, a mudança nem sempre é positiva em nossas vidas e por mais que parece algo mínimo, estamos todos sensíveis. Já enquanto mestranda, tenho sido afetada diretamente por todos os pontos acima, apesar de ser algo que me preparei para iniciar, mudei minha vida, minha rotina, abri mão de cargos e salário por ele, não prevíamos uma pandemia. Procuro ter como prioridade, mas às vezes me sinto fracassada, por não conseguir me desligar de tudo e foca[r] só naquilo, queria ter nesse momento a tão sonhada “caixinha do nada”, que dizem que os homens tem, e entrar lá e só ter eu, o mestrado e meus textos... (*Sic!*). (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

A imbricação das vidas objetivas dos sujeitos ultrapassa ou, melhor, invade a vida da pesquisadora em tempos de pandemia assim como constata Catarina em relação à família quando diz o que segue:

Tenho meu pai que faz parte do grupo de risco, ele tem comorbidade, faz hemodiálise três vezes na semana e sempre conta histórias bem triste de pessoas que estão falência em decorrência da doença!! Uma outra parte da família tem dificuldade em aceitar que o vírus exista e seja letal! (*Sic!*). (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

De forma subliminar, passa a ser proibido ser feliz ou ver o lado bom da situação em que nos encontramos diante de mais de um milhão de mortos em menos de 1 ano e meio em todo mundo. Por mais que para a espécie humana esse número seja irrisório, o mesmo não o é individualmente e para os entes queridos que sofrem com as perdas. Quem, em público, poderia afirmar o lado bom da COVID-19

⁴ Por se tratar de menores, colocamos apenas as iniciais dos nomes como escolha metodológica.

ileso a tornar-se um Tabu na sua dimensão nefasta – profano? Quando se anuncia em nós algum indício de felicidade – conscientes de tantas mortes –, desperta-se, em alguma medida, o processo de autoflagelo por ousar sentir felicidade. Portanto, essa felicidade deve ser justificada internamente ou para os que a percebem externamente. Mas isso só se manifesta naqueles que se importam com a espécie humana para além da autorreferência, como seu representante mais legítimo, ou seja, esse paradoxo só pode se manifestar naqueles/as que têm responsabilidade com o mundo.

Dentre tristezas e perdas, Brenda encontrou, nesse momento da pandemia, uma oportunidade, mesmo que inconscientemente, de reflexão do seu Eu:

E posso afirmar com toda certeza que essa pandemia teve um lado positivo em minha vida, nesse momento de parada mundial, pude refletir sobre quem eu era e decidir quem eu quero ser. E talvez se estivesse na rotina que tínhamos na correria diária, não tinha percebido o caminho percorrido. (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Reconhecer-se é um importante passo para o processo de emancipação dos sujeitos e aqui, mais especificamente, a figura feminina, a qual a sociedade coloca como frágil, delicada e incapaz, como forma de dominação social. Isso pode ser refletido quando Adorno, em *Minima moralia*, critica a posição da mulher frente ao casamento, causada pelo artifício de uma representação de uma figura falsa de homem e mulher. Assim, disposta a não aceitar as condições propostas pelos padrões sociais e procurando algo que esteja acima daquilo que se tem como correto, Bárbara, em sua entrevista, declarou que

O fim do relacionamento foi uma decisão que tomei, não por estar em um relacionamento que não estava dando certo, muito pelo contrário nossa relação enquanto casal era ótima, éramos companheiros, amigos e tínhamos uma sintonia maravilhosa, porém o que criei como expectativa para mim, não seria possível se continuasse dentro dessa relação. E a liberdade que busco é diferente, não quer dizer que estava presa, pois sempre tivemos muito respeito pelo espaço de cada um, é a liberdade de ser quem eu quero ser, sem julgamentos baseados nos padrões sociais. Ter meu espaço, tomar minhas decisões, procurar minha felicidade sem estar condicionada a outra pessoa. (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Odisseu, de Homero, sublimou a realização do seu desejo por completo, mas ousou desejar. Frente ao Tabu de que não se podia entregar à fruição completa ao ouvir o canto das Sereias, Odisseu ordenou ser amarrado ao mastro, não ser tirado de lá e, mesmo diante de súplicas ensurdecedoras, era preciso seguir viagem para que ele pudesse realizar o seu desejo pela metade (semifruição). Ou seja, reconheceu a interdição, mas flertou com ela adquirindo uma experiência incompleta em prol da sua própria vida. Dor, desespero e sublimação foi tudo o que ele pôde experimentar na passagem pelo canto das Sereias, mas continuou vivo, tendo ousado escutar o seu canto, mas não sem sacrifício. É isso que nos importa quando reconhecemos a mortalidade urgente causada pela COVID-19, permanecer vivos. Esse reconhecimento nos faz viajar para dentro de nós mesmos ou das nossas famílias em busca de refúgio como possibilidade de viagem.

Frente à situação familiar, Vanessa Serra reafirma o caráter ambivalente que a situação pandêmica impõe a todos em diferentes graus ou níveis. A mestranda atesta a dimensão tentadora e desejante que subjaz às “vidas em pandemia”, em alguns casos. Aqui reside a possibilidade daqueles que infringem ou se entregam ao Tabu, também, tornarem-se Tabu diante da grande massa social, pois ousaram sucumbir ao desejo.

Foi bom para minha mãe e pai. Brincadeiras a parte, como estou presente mais em casa, nas atividades de limpeza, de cozinha, etc. Nunca estive tão presente com minha família, já que todos estão trabalhando em casa. Por mais que ocupou mais meu tempo nos afazeres domésticos, também aprendi a cozinhar melhor e novos pratos. A família está unida, por mais que aconteça desavenças nesse meio tempo. *(Sic!)*. (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

Já para Brenda, a ‘invasão’, mencionada acima, alcança dimensões alarmantes com imbricações indissociáveis, pois, quando perguntada sobre “como ser gestora, candidata à vereadora, esposa, mestranda (como dito acima), filha nesse tempo de pandemia?”, temos o seguinte posicionamento:

Enquanto gestora/administradora/secretaria...kkkk somos todos os papéis na escola. Não tem sido fácil o que tínhamos como rotina administrativa não existe mais, tudo foi mudado, alterado, renovado. As cobranças burocráticas aumentaram, relatórios diários, tudo tem que ser registrado: entrega da atividades para alunos, devolutiva de atividades de alunos, entrega da atividades para professores, devolutiva de atividades de professores. A carga de trabalho aumentou muitíssimo e conseqüentemente o stress. Mais a preocupação de sair de casa e correr o risco de se contaminar e contaminar sua família. Chega ser neurótico nossa postura no trabalho, e as pessoas que não tem a mesma consciência nos olham com estranheza causando às vezes desconforto.

Enquanto candidata, existe uma ambivalência, aproveitei bastante os cursos online oferecidos, pude me sentir bem preparada para a campanha, tenho acesso aos meios tecnológicos necessários para fazer uma campanha online, porém ainda há a necessidade de visitas presenciais, pois existe um grupo de eleitores, principalmente os mais idosos, que não dominam as tecnologias e muitas vezes não usam, que preferem e gostam da conversa “olho no olho”. Vejo também muitos candidatos que não têm respeito e preocupação com o outro colocando em perigo a saúde dos outros, preocupados somente no ganhar (dinheiro e status). *(Sic!)*

Enquanto esposa tem sido um momento de aprendizado gigantesco, pois em 15 anos que estamos juntos entre namoro e casamento, acredito ser o momento em que mais estamos nos conhecendo, pois a correria do dia a dia priva do conhecimento profundo um do outro e a pandemia proporcionou isso.

Já como mãe tenho aproveitado muitoooooo, nunca pude curtir meus filhos como estou agora.... vivenciando a escola e participando, interagindo, brincando, conversando, acredito que por esse motivo que tem sobrecarregado as outras áreas da minha vida. Porém a angústia de vê-los sofrendo por não poder sair, a falta de contato com outras pessoas e a necessidade de relação com o outro tem sido difícil, prin-

principalmente com a I. (10 anos), está em uma idade em que as mudanças hormonais e emocionais são muito intensas e por algumas vezes ela chora de saudade dos colegas e mesmo os vendo na tela não é suficiente para sanar a saudade.

Enquanto filha e nora, são relações que procuro manter da mesma forma, apesar de não conseguir sempre, tem sido um campo de guerra, pois meus pais e a *Nelita* (sogra que mora comigo) têm vergonha de rejeitar visitas e agem como se nada estivesse acontecendo em relação à pandemia... então chamo a atenção direto lembrando dos cuidados necessários e isso causa alguns conflitos ideológicos.

Mas vamos vivendo e sobrevivendo um dia de cada vez, depois que tudo isso passar não seremos mais os mesmos!!!! (*Sic!*). (Entrevista, 30 de setembro de 2020).

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Bem, é essa dimensão biográfica da migração subjetiva – *dizer de si* – que nós queríamos trazer para pensarmos as “vidas em pandemia” em relação às nossas pesquisadoras em formação. São exemplos, e não verdades, por isso devem ser tomados, também, com desconfiança inquietante, mas autorreferencial. E fica a pergunta ao nosso leitor: como tem experienciado o contexto da pandemia? A essa pergunta o silêncio já é uma resposta eloquente que nos impulsiona a olharmos para dentro de nós mesmos em um processo de viagem subjetiva que potencialize o autoconhecimento, conforme Adorno preconizou nas *Minima moralia*, pois nos deslocamos sem serviço de bordo e sem coletes *guarda-vidas*. *Se navegar é preciso*, é porque a ambivalência do conceito de Tabu, também, encontra seus limites na tentativa de conceituar um fenômeno em curso. Ou seja, encontramos-nos em uma zona do *inconceituável* (falta de conceito⁵) daquilo que ainda está em movimento.

Pode-se dizer que a fugacidade conceitual reside no fato de que estamos imersos no contexto pandêmico. Portanto, somente uma perlaboração *a posteriori*, *par excellence*, pode nos indicar pistas conceituais para a presente situação. Por ora, refugiamos-nos na ambivalência do Tabu. O passado somente pode ser apreensível com os olhos do futuro daquele que transitou pelo presente vivenciado na expectativa de que a vivência se transforme em experiência, como nos ensina Walter Benjamin.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes. Relações de gênero, corpo e sexualidade. In: GALVÃO, Loren; DÍAZ, Juan. *Saúde sexual e reprodução no Brasil: dilemas e desafios*. São Paulo: Hucitec; Population Council, 1999.

BARBOSA, Maria J. Somerlate. Capoeira: a gramática do corpo e a dança das palavras. *Luso-Brazilian Review*, v. 42, n. 1, 2005, pp. 78-98 (Article).

⁵ Agradecemos a leitura prévia desse texto ao Doutor Alexandre Fernandez Vaz que indicou os limites da falta de conceito para pensar o presente momento apesar da aproximação eficiente do conceito de Tabu com o qual tentamos entender esse momento pandêmico.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*; tradução Sérgio Tadeu de Iemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petropolis, RJ: Vozes, 1997.

PETRY, Franciele Bete. Theodor W. Adorno: imagens do feminino nas Minima Moralia. *Ethic@* (UFSC), v. 13, p. 339-362, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

Recebido em: 22 jul. 2021.

Aceito em: 8 nov. 2021.